

DESCENDENTES de confederados se reúnem quatro vezes por ano. Correio Popular, Campinas, 22 out. 1972.

# Descendentes de confederados se reúnem quatro vezes por ano

*Correio Popular 22.10.72*



Na capela do Cemitério de «O Campo» no púlpito ornado com a bandeira dos Confederados, o pastor faz a sua pregação. Terminado o culto, realiza-se a reunião da «Fraternidade de Descendencia Americana» para o relato do presidente

De três em três meses, os descendentes dos norte-americanos, que emigraram para o Brasil em consequência da Guerra de Secessão, e as pessoas a elas vinculadas pelo casamento, se reúnem em «O Campo», onde existe um cemitério e se localiza o «Museu dos Confederados». Promove esse encontro trimestral, a «Fraternidade da Descendencia Americana», presidida pelo dr. Jaime Jones, filho do Dr. Cícero Jones, médico que clinicou durante muitos anos em Americana e ali implantou o primeiro tear para seda.

A última reunião da «Fraternidade da Descendencia Americana» deste ano, realizou-se a 8 do corrente, domingo, a ela comparecendo, como sempre acontece, gente vindo de vários pontos do País. Entre os presentes, achava-se nessa reunião, uma família do Amazonas cujo chefe é o Dr. Antunes de Oliveira, Ministro Evangélico Batista, com residência em Manaus. Sua esposa é descendente.

## PRESENTES, ALUNOS E PROFESSORES

Frequentemente, pessoas interessadas em conhecer a história dos norte-americanos no Brasil, visitam «O Campo» para travarem contato com alguns membros da primeira geração de descendentes, entre os quais se conta a escritora campineira Judith Mac Knigh Jones, autora de excelente documentário sobre a

colonização da região de Santa Bárbara e Americana, o livro «Soldado Descansa I — Uma epopéia norte-americana sob os ceus do Brasil». Organizadora do «Museu dos Confederados», ela está de posse de muitos documentos importantes, razão por que é sempre solicitada a dar informações.

Na reunião de 8 do corrente, compareceram tres professores brasileiros e um prof. norte-americano, além de 14 alunos da Universidade de Bowling Green, Ohio, dos Estados Unidos, que fazem estágio na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo.

Da Guanabara, veio a Professora Lucinda Coutinho Coelho, da cadeira de História do Brasil, da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acompanhada de seu esposo, o advogado dr. Severiano de Melo Coelho, a Professora Lucinda realizou a visita a «O Campo» para colher elementos a fim de completar um trabalho sobre os americanos no Brasil, tema que já abordou, em parte, no I Congresso de História de São Paulo, realizado em nossa cidade, na Universidade Católica de Campinas, em julho último.

Outra historiadora interessada é a professora Therezinha Ignez Armani Giavarina, de Santo André, que está fazendo curso de mestrado na

PUC. Tendo em preparo o trabalho sob o título «A Guerra de Secessão e suas implicações no Brasil», a Professora. Therezinha, que também participou de nosso Congresso de História quis conhecer as atividades da «Fraternidade da Descendencia Americana», iniciando com esse primeiro encontro, a série que pretende levar a efeito para realizar seu trabalho histórico.

Outro participante da excursão a «O Campo» foi o norte-americano, Dr. Larry Wills, professor assistente de Educação, da Universidade de Bowling Green, o qual está dando um curso de pós-graduação na PUC, ministrando aulas sobre métodos de ensino de Estudos Sociais, ao mesmo tempo que supervisiona os estagiários norte-americanos.

A permanência desse professor e estagiários que estão entre nós desde agosto último irá até dezembro deste ano.

Completando o grupo de visitantes, participou da excursão a Professora Lezilda Vigneron Ferraz do Amaral, assistente de Educação, trabalhando no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, da Cidade Universitária de São Paulo.

## A REUNIÃO

O encontro dos descendentes dá-se em «O Campo», como é denominado o recanto que outrora integrava a fazenda do Cel. Thomas Oliver. «O Campo» situa-se no distrito de Cilos, município de Santa Bárbara D'Oeste, quase na divisa com Americana. Após a visita ao cemitério, realiza-se o culto evangélico seguido da reunião da entidade.

Na praça fronteira, onde se ergue o monumento inaugurado em 1966 por ocasião da comemoração do centenário da chegada dos primeiros migrantes, existe um amplo rancho. Na grande mesa nele existente, são colocados os vários pratos, contribuição de todas as famílias participantes da reunião para que todos se sirvam. Veem-se então frango frito bisquit, broas, tortas e outros pratos típicos do Sul dos EUA, ao lado de outros da cozinha internacional. Não se toma álcool.

E' durante o almoço, que os amigos e parentes que vivem longe uns dos outros, têm a grande oportunidade para a troca de ideias, para o gostoso bate-papo, para intercâmbio de informações. A língua usada é a portuguesa. O inglês só excepcionalmente, como foi o caso do encontro de domingo último, em que havia um grupo que entendia pouca coisa de nosso idioma.

## A ORIGEM DO CEMITÉRIO

E' curiosa a história desse cemitério, iniciado logo depois da chegada dos primeiros confederados. Em 1868, o coronel Thomas Oliver já cultivava as terras adquiridas no município de Santa Bárbara, então próximas às divisas com o município de Campinas. Sua mulher, Beatrice, sucumbira, vítima da tuberculose, conseqüente da vida difícil em face da situação criada pela Guerra de Secessão.

Não recebendo os cemitérios da redondeza, adeptos de outra religião se não da católica, o fazendeiro se viu diante de um serio problema: onde enterrar a esposa. A solução que se apresentou foi escolher um local na própria fazenda.

Pouco depois da morte da esposa, morreu-lhe, a 19 de abril de 1869, a filha mais velha, Inglianna, vítima do mesmo mal de sua mãe. Ainda nesse mesmo ano, antes no Natal, morreu-lhe a filha de 14 anos, Mildred, também vitimada pela tuberculose.

Não tendo onde enterrar seus mortos, os amigos quando perdiam um membro da família apelavam para o coronel Oliver, que permitia o



sepultamento junto às suas três mortas. Dessa maneira, o local se transformou no cemitério, hoje pertencente à "Fraternidade da Descendência Americana", entidade fundada em 1964.

Muito expressivas, as inscrições nos tumulos contam muito da história dos americanos. Veja-se a que está no túmulo de Napoleão Bonaparte McAlpine conhecido, por "Bony", avó materno da escritora Judith Mac Knight Jones, que dela extraiu o título para seu livro. Ela: "Soldier rest! Thy warfare O'er".

Sleep the sleep that knows breaking.

Days of toil or nights of waking".

(Soldado descansa! Tua luta acabou. Dorme o sono eterno, onde não há dias de fadiga ou noites de vigília).

#### RELIQUIAS DO PASSADO

Entre as finalidades da "Fraternidade da Descendência Americana", figura a de manter o "Museu dos Confederados", localizado em "O Campo". No momento, o seu acervo está guardado até que se construa o novo prédio para o qual já foi votada verba de 30 mil cruzeiros, pelo município de Santa Barbara D'Oeste.

D. Judith que cuida com muito carinho de tudo que diz respeito à tradição, desvela-se pelo "Museu dos Confederados", procurando reunir, num grande esforço, tudo quanto possa.

Suas próprias palavras, extraídas de seu livro, dizem algo sobre o "Museu dos Confederados": "...Tem objetos de uso pessoal, alguns traduzidos dos Estados Unidos, outros feitos por eles mesmos, depois que chegaram ao Brasil. Algumas armas são expostas em ocasiões especiais, pois as famílias que as têm são zelosas. É de se lembrar que poucas armas vieram. Trocaram as armas pelas ferramentas de trabalho. Livros, documentos da Guerra Civil, objetos de uso doméstico e profissional também são encontrados no Museu".

No "Museu dos Confederados" poderão ser encontrados o veículo a tração animal — o trole — e o arado. O arado, segundo rezam as crônicas, foi introduzido no Brasil pelos confederados, que também introduziram aqui a cultura da melancia, fruta da qual a antiga Vila Americana se tornou a principal produtora. Naquele ex-distrito de Campinas, produzia-se em alta escala a famosa melancia de grande porte e muito saborosa conhecida como a "Casavel da Georgia".



Após o almoço, os visitantes reuniram-se em Americana, na residência do casal Jones, em cujo parque foi batida esta foto. Nela aparecem, além do casal, o professor Larry Wills e os estudantes norte-americanos que estagiam na PUC, de São Paulo